



Paródia e Intertextualidade: Titanic e Titônica

Parody and Intertextuality: Titanic and Titônica

Sthefanie Pollnow Hartwig

Graduada em Letras – Português pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera, Especialista em Linguística e Análise do Discurso pela Libano Educacional e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Libano Educacional. <http://lattes.cnpq.br/9595085227683850>

Resumo: Através da revisão bibliográfica, foram discutido diferentes aspectos sobre a intertextualidade nas aulas de língua portuguesa da educação básica, explicitando características. O objetivo foi focar na paródia, um dos tipos de intertextualidade, contextualizando e explicando suas características e funções na leitura, escrita, compreensão e interpretação, entre outras possibilidades, as quais podem colaborar para que os professores criem aulas completas e enriquecidas. Sendo a narrativa em quadrinhos da Turma da Mônica uma clara paródia da obra cinematográfica, foi analisado comparativamente o filme Titanic e o gibi Titônica, detalhando as cenas parodiadas através de exemplos figurativos, apresentando explicações baseadas em artigos científicos e livros citados durante o desenvolvimento. Desafiando os leitores, considerando seus conhecimentos prévios, é possível encontrar referências claras entre as histórias e cenários, proporcionando momentos de exercício à criatividade de crianças e jovens.

Palavras-chave: leitura; intertextualidade; paródia.

Abstract: The literature review discussed different aspects of intertextuality in Portuguese language classes in basic education, explaining its characteristics. The aim was to focus on parody, one of the types of intertextuality, contextualizing and explaining its characteristics and functions in reading, writing, comprehension and interpretation, among other possibilities, which can help teachers create complete and enriched lessons. Since the Turma da Mônica comic is a clear parody of the film, the film Titanic and the comic Titônica were analyzed comparatively, detailing the parodied scenes through figurative examples, presenting explanations based on scientific articles and books cited during the development. By challenging readers, taking into account their prior knowledge, it is possible to find clear references between the stories and scenarios, providing moments for children and young people to exercise their creativity.

Keywords: reading; intertextuality; parody.

INTRODUÇÃO

Visto a importância das aulas de língua portuguesa em toda a educação básica para o incentivo à leitura, escrita, interpretação, compreensão e incentivo à criatividade, o presente trabalho busca contextualizar a intertextualidade, trazendo explicações e detalhamentos sobre sua definição e essencialidade, visto que a Base Nacional Comum Curricular traz diversas habilidades que devem ser adquiridas entre o ensino fundamental e o ensino médio. A busca pela evolução dos alunos em relação ao escrever, ler, criar e entender deve ser constante e o professor deve se atualizar e aprimorar seus conhecimentos acerca dos assuntos tratados, possibilitando diferentes atividades que podem ampliar o alcance dos discentes em diferentes aspectos escolares e cotidianos.

Utilizando-se a metodologia de revisão bibliográfica, para o desenvolvimento da contextualização e compreensão dos termos “intertextualidade” e “paródia”, foi buscado diferentes artigos disponibilizados na internet e livros da Biblioteca Virtual, os quais foram definidos através da relevância temática e atualização, unindo autores clássicos e atuais. A Base Nacional Comum Curricular também foi utilizada, visto a importância do documento normativo para a educação brasileira. Para exemplificação da paródia, considerando suas características básicas e reconhecimento entre obras, foi utilizado o filme *Titanic* (1997), dirigida por James Cameron, e a revista em quadrinhos *Titônica* (2007), produzida pelo Maurício de Sousa.

O principal objetivo é a compreensão integral da ideia de intertextualidade e paródia, aprendendo a reconhecer quando aparecer alguma obra parodiada. Assim, para se chegar ao resultado foi explicado o que é intertextualidade, o que é paródia, compreensão das motivações que levam o gibi *Titônica* a ser considerado uma paródia de *Titanic* e a comparação entre as obras, feita através de explicações e imagens, incluindo cenas, cenários, falas, narrativa, personagens, etc.

O trabalho está estruturado em um capítulo que abrangem todos os assuntos necessários para o entendimento da importância da leitura, da intertextualidade, da compreensão e da paródia em sala de aula e o quão benéfico pode ser o ensinamento, visto as inúmeras habilidades e competências que podem ser desenvolvidas, considerando-se não somente o espaço escolar, mas o dia a dia.

FORMATAÇÃO GERAL

A leitura é parte essencial da vida humana e sua importância é reconhecida pela Base Nacional Comum Curricular, tendo sua versão final homologada em 2018, o qual traz o Eixo Leitura, o qual “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação [...]” (Brasil, 2018, p. 71).

A consideração de leitura pelo documento normativo não traz apenas de concepção de texto escrito, mas também a compreensão e interpretação de outras formas comunicativas, podendo estar relacionada a imagens e sons, visto a sua preocupação por uma educação integral, visando as necessidades atuais de interação e conhecimento.

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (Brasil, 2018, p. 72).

Com tantas possibilidades de leitura atualmente, é fundamental ter uma percepção completa, incluindo as diferentes dimensões e práticas que a BNCC busca compreender em seu texto, incluindo o trecho sobre o relacionamento entre textos:

Estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a identificação e compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo, do papel da paráfrase e de produções como as paródias e a estilizações (Brasil, 2018, p. 73).

Segundo Koch (2015), a intertextualidade é a relação que a produção/recepção de um texto pode manter com outros textos, dependendo do conhecimento por parte dos interlocutores. Esse conceito foi desenvolvido por Júlia Kristeva na década de 1960 e baseou-se na ideia do “dialogismo”, construída por Mikhail Bakhtin. Interpretado por Oliveira (2024, p. 13) Kristeva sugere que “[...] as obras literárias não existem de forma isolada, mas estão sempre dialogando com outros contextos literários e culturais.”

Como explicitado por Oliveira (2024) “para Bakhtin, nenhuma palavra ou texto existe de forma isolada; eles estão constantemente ligados a outros textos, vozes e contextos.” Apesar dele nunca ter utilizado o termo “intertextualidade”, considerava “[...] que há relações entre textos e dentro dos textos” (Fiorin, 2022, p. 58).

Segundo Barthes (1974) todo texto pode ser considerado um intertexto, pois outros textos estão inseridos nele em diferentes níveis através de fragmentos. Como observado por Oliveira (2024, p. 14) “a intertextualidade segundo Kristeva, traz contribuições valiosas para a inovação literária ao permitir que os autores utilizem referências de outras obras em suas criações.”

A intertextualidade, além de enriquecer o processo de leitura, também desempenha um papel importante na inovação literária. Ao referenciar e reinterpretar obras passadas, os autores conseguem subverter expectativas e introduzir novas formas de expressão. Isso pode ocorrer tanto em obras que prestam homenagem aos textos originais quanto em obras que os criticam ou desconstruem, criando novos significados e perspectivas (Oliveira, 2024, p. 14).

Como dito por Oliveira (2024, p. 12) “pode ser vista de maneira explícita, através de citações diretas, paródias ou alusões claras a outros textos, ou de maneira mais sutil, por meio de temas, estruturas ou estilos que remetem a outras obras.”, ou seja, “a intertextualidade é explícita, quando há citação da fonte do intertexto [...]” Koch (2011, p. 65), enquanto que “a intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto [...]” (Koch, 2011, p. 65).

Considerando a importância da temática, a intertextualidade é mencionada na Base Nacional Comum Curricular nas etapas de ensino fundamental e ensino médio através de habilidades para as aulas de língua portuguesa.

A habilidade EF69LP43 busca por “identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto [...], desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos.” Brasil (2018, p. 155-187), enquanto que a habilidade EF89LP32:

Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões,

retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.

No ensino médio, pode ser exemplificada a habilidade EM13LP03, a qual tem como interesse:

Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades (Brasil, 2018, p. 506).

“O impacto da intertextualidade na construção de significados de uma obra é profundo. A relação com outros textos não apenas adiciona camadas de interpretação, mas também cria um campo dinâmico de leitura” (Oliveira, 2024, p. 22), e se torna essencial assimilar as inúmeras possibilidades que podem trazer esse fenômeno interpretativo para a sala de aula ou para o cotidiano da sociedade.

Uma das principais formas é a paródia, a qual pode ser vista de diferentes formas atualmente, notada em duas das habilidades citadas anteriormente. É importante observar que ela não se define em uma imitação, pois nitidamente envolve a intenção, sendo um empréstimo, o que traz a diferença entre a ela e o plágio (Hutcheon, 1985).

Existe uma ideia remota de que a paródia traz apenas a ideia de ridicularizar, mas é importante pontuar que no passado elas “[...] tinham como exclusiva função de denegrir e maliciar; atualmente isso ocorre somente em algumas formas [...]” (Verdolini, 2016, p. 4). “Na modernidade, a paródia tornou-se a própria via predominante da criação artística” (Cano, 2004, p. 86).

[...] a paródia é um recurso bastante criativo que se constrói a partir de um texto-fonte retrabalhado ou seja, há uma transformação de um texto-fonte com o intuito de atingir outros propósitos comunicativos, não só humorísticos, mas também críticos, poéticos etc. [...] nem sempre a intenção da paródia é pejorativa. [...] realizar-se de diversas formas, desde a substituição de fonemas e palavras até a modificação de enunciados inteiros, que, no entanto, guardarão resquícios do texto original, como tema, nomes de personagens, estilo etc.” (Cavalcante, 2012, p. 157).

Outro fato que é de extrema importância pontuar, é de que “ não se restringe a textos essencialmente verbais. Imagens diversas costumam alimentar o ato parodístico em grande escala” (Cavalcante, 2012, p. 159), deixando claro que esse tipo de intertextualidade não se apresenta exclusivamente através de palavras.

Um excelente recurso que pode ser utilizado em sala de aula para apresentar as paródias aos alunos são as revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. “De modo geral, a história em quadrinhos (HQ) é uma história contada em quadros por meio de imagens, com ou sem texto” (Verdolini, 2016, p. 1).

Como observado por Verdolini (2016), a história em quadrinhos foi ignorada no âmbito acadêmico e considerada como uma leitura inferior por muito tempo, inclusive vista como uma ameaça ao desenvolvimento intelectual infantil. Mas podem ser uma ótima fonte para estudos linguísticos e a utilização de obras do Maurício de Sousa pode contribuir para isso.

A Turma da Mônica foi criada em 1959, por Mauricio de Sousa e, desde então, esteve presente em tiras de jornais ou revistas específicas de cada um dos seus personagens. A paródia se tornou uma prática comum para elaborar narrativas com o intuito de atingir o maior número de pessoas (Bona, 2017, p. 119).

Pode ser observado que “[...] as HQ de Mauricio [...] não têm cunho político nem de crítica social” (Verdolini, 2016, p. 2). A ideia desse autor é o entretenimento, produzindo histórias educativas, as quais mencionam temáticas relevantes socialmente, como o meio ambiente, o respeito e as diferenças.

Entre os possíveis exemplos, há a obra Titônica, lançada na série Clássicos do Cinema em 2007, sendo uma explícita paródia do filme Titanic (1997). Através de diferentes aspectos, é possível observar referências e compreender de forma concreta o que é a intertextualidade, entendendo o quão fundamental é o conhecimento prévio do leitor.

Especificando, Titônica traz elementos e a narrativa clássica do filme de 1997, introduzindo certas particularidades já conhecidas sobre os personagens, incluindo a força da Mônica, o medo de água do Cascão e a busca do Cebolinha por fazer nós na orelha do Sansão. É uma mistura dos dois mundos em muitas semelhanças que deixam claro as intenções do autor.

Titônica é o nome do navio da história em quadrinhos, sendo uma explícita mistura entre o nome do transatlântico original da personagem Mônica. Ainda na capa, pode ser reparada a ideia temporal, visto que a narrativa do filme é baseada na história real, ocorrida com o navio de mesmo nome, em abril de 1912, visto que as vestimentas dos personagens possuem grande semelhança aos do filme, as quais eram cotidianas para pessoas do nível aquisitivo daquela época.

Tanto o filme, quanto o gibi, iniciam suas respectivas narrativas no fundo do oceano. Uma das principais referências que pode ser notada é o rosto da boneca que aparece no filme e está representado na história do Maurício de Sousa.

Figura 1 - Rosto de boneca no fundo do oceano.



Fonte: Cameron, 1997.

Figura 2 - Quadrinho no fundo do oceano com o rosto de boneca.



Fonte: Sousa, 2007, p. 5.

Na página seguinte, é recriada a chegada de Rose, interpretada pela Mônica na paródia, sendo possível compreender por conta do cenário, do automóvel e das roupas, incluindo o chapéu.

Figura 3 - Roupas da Rose nas primeiras cenas do filme.



Fonte: Cameron, 1997.

Figura 4 - Roupas da Mônica nos primeiros quadrinhos.



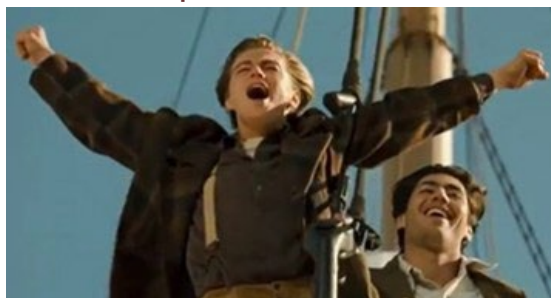
Fonte: Sousa, 2007, p. 6.

O navio real foi anunciado como o mais luxuoso e seguro transatlântico do mundo, visto os padrões da época. O filme deixa essa mensagem bem clara e a paródia segue com esse mesmo raciocínio, somando a característica força da Mônica, que causa um grande estrago no casco antes de zarparem. Com isso, o projeto é refeito e testado, sendo aprovado como uma verdadeira fortaleza marítima.

Cinco minutos antes de zarpar, Jack e Fabrizio ganham as passagens para viajarem no navio através de um jogo de pôquer. A narrativa em quadrinhos traz a vitória do Cebolinha e do Cascão em um jogo de bafo, fazendo-os ganhar os bilhetes, também cinco minutos antes do navio sair em direção ao seu rumo.

Uma das cenas mais conhecidas do filme é a de quando Jack e Fabrizio estão na proa do navio e esse fala a famosa frase “eu sou o rei do mundo!”. A narrativa do Maurício de Sousa segue a mesma ideia, parodiando explicitamente e trazendo as particularidades já conhecidas das suas criações, em que o Cebolinha fala “[...] me sinto o dono da lua!!”. É possível observar a característica ambição do personagem em se tornar o dono da rua, posição ocupada pela Mônica, além do seu problema em pronunciar a letra “r”.

Figura 5 - Cena em que Jack diz “Eu sou o rei do mundo”.



Fonte: Cameron, 1997.

Figura 6 - Quadrinho em que o Cebolinha diz ser o “dono da lua”.



Fonte: Sousa, 2007, p. 13.

Em outro momento, pode ser vista a paródia de uma das cenas mais emblemáticas do filme, em que Rose e Jack estão na proa do navio no fim da tarde do dia em que o navio encontraria o iceberg. No gibi, a ideia não é tão romântica, sendo um plano do Cebolinha para conseguir pegar o Sansão e dar nós nas orelhas do coelhinho de pelúcia, outra marca registrada do personagem (figuras 7 e 8).

Figura 7 - Rose e Jack na proa do Titanic.



Fonte: Cameron, 1997.

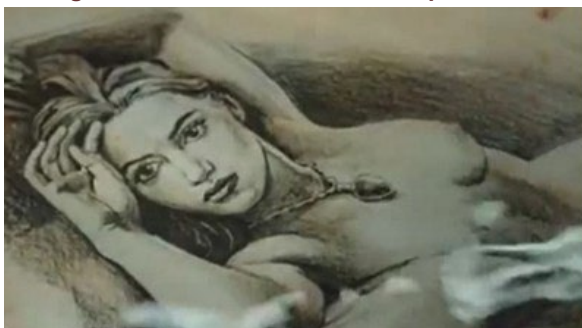
Figura 8 - Mônica e Cebolinha na proa do Titônica.



Fonte: Sousa, 2007, p. 18.

Também é possível ter a referência explícita do desenho da Rose feita por Jack na noite em que o navio encontrou o iceberg que o afundaria. Na história em quadrinhos, a Mônica é desenhada pelo Cebolinha. Nisso é trocado o colar “Coração do Oceano” pelo “Coelho Azul do Oceano”.

Figura 9 - Desenho da Rose feito pelo Jack.



Fonte: Cameron, 1997.

Figura 10 - Desenho da Mônica feito pelo Cebolinha

Fonte: Sousa, 2007, p. 26.

Assim como no filme, o navio do gibi também bate no iceberg, mas a motivação do naufrágio é outra: uma coelhada da Mônica enciumada por ter um namorado tão mulherengo, o que causa um estrago e fez com que afundasse.

Diferente da história real e do filme, todos sobrevivem ao naufrágio no gibi. Visto que é uma narrativa voltada para crianças e a busca do autor é o entretenimento, finais felizes são mais bem-vindos do que tragédias. A busca do Maurício de Sousa não era ridicularizar a obra original, mas trazer referências explícitas de um dos filmes mais famosos da história do cinema, sendo uma homenagem, assim como feita com outras importantes obras cinematográficas nas diferentes edições do Clássicos do Cinema.

Buscar conhecer a turma e seus gostos é essencial, visto que o conhecimento prévio é requisito para o entendimento da intertextualidade. Assim, é possível buscar diferentes possibilidades de paródias, as quais podem ser encontrados em diversos formatos. Somando a teoria e a prática, pode haver um grande benefício na assimilação dos termos e da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando-se o entendimento sobre os conceitos de intertextualidade e paródia, o presente estudo buscou analisá-los e utilizar como base de exemplificação a revista em quadrinhos *Titônica*, uma paródia do filme *Titanic* protagonizada pela Turma da Mônica. Utilizando-se materiais teóricos e figuras, foi possível investigar as características que compreendem esse como paródia, que teve seu sentido modificado ao longo do tempo, visto que sua ideia inicial era apenas ridicularizar algo, algo que não condiz mais com a verdade.

Foram abordadas concepções clássicas e atuais sobre os assuntos, buscando trazer um efetivo entendimento contextualizado. Nisso, inclui-se que a paródia não é apenas ironizar as histórias e nem tem como ideia seguir o roteiro original de forma fiel, podendo ser uma homenagem, utilizando-se referências, assim como Maurício de Sousa fez, trazendo os seus famosos personagens para o cenário de *Titanic*, em que o enredo possui semelhanças e diferenças, trazendo traços e características da turma e encerrando com um final mais feliz que a história original.

É perceptível que não é um assunto frequentemente abordado nas turmas, principalmente quando se trata da paródia, visto que há um estigma sobre a ridicularização de alguma obra. Outro preconceito é em relação aos gibis, que deveriam ser vistos como uma fonte cheia de possibilidades, mas que são desprezados e considerados inferiores. Assim, foi possível constatar que os preconceitos e estigmas sobre os assuntos abordados devem ser erradicados para que possam ser ensinados conforme o devido valor que podem ofertar aos alunos em quesito de criatividade, leitura, escrita, compreensão, interpretação e curiosidade.

A Base Nacional Comum Curricular cita em seu texto em diversas oportunidades, nas partes de língua portuguesa e linguagens, o trabalho com o intertextual, incluindo seus tipos, como a paródia. Assim, é possível assimilar o incentivo que o documento normativo dá aos professores da educação básica para a introdução nas turmas, observando a realidade, os gostos e a relevância.

REFERÊNCIAS

BONA, Rafael Jose. **Consumo, quadrinhos e cinema: a transposição do filme De volta para o futuro para as narrativas gráficas da Turma da Mônica**. Juiz de Fora, 2017.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CANO, José Ricardo. **O riso sério: um estudo sobre a paródia**. São Paulo, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 09 jun. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 jun. 2025.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução a linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 jun. 2025.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 08 jun. 2025.

LOPES, Irineu. **A intertextualidade entre o conto Chapeuzinho Vermelho e a história em quadrinhos da Turma da Mônica**. 2017.

LUCAS, Cássio de Borba; SILVA, Alexandre Rocha da. **Julia Kristeva e a semanálise: dos dialogismos às significâncias**. Santa Maria, 2018.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **Quadrinhos, Literatura e a intertextualidade**. São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Regilene Da Silva. **Explorando as dimensões da intertextualidade: uma análise em diferentes contextos literários**. Elesbão Veloso, 2024.

PARÁ, Lilian Moreira. **Intertextualidade e intertextualização em gêneros em quadrinhos**. Fortaleza, 2015.

VERDOLINI, T. H. A. **A intertextualidade nos quadrinhos da Turma da Mônica**. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, [S. l.], v. 7, n. 1, 2016. Acesso em: 7 jun. 2025.

TITANIC. **Direção de James Cameron**. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1997. DVD.

SOUSA, Mauricio de. **Clássicos do Cinema: Titônica**. 5. Ed. Barueri: Panini Comics, 2007.